

# O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES  
E BELLAS LETRAS.

*Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade*

**DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.**

N.º 2

15 D'AGOSTO

1838



**LAOCOONTE.**

LAOCOONTE, sacerdote de Jupiter, e segundo alguns autores, de Neptuno, porque lhe tocou a sorte, depois da fingida retirada dos Gregos em Troia, estava sacrificando um touro a Neptuno na praia do

mar, quando duas enormes serpentes apparecerão nadando desde a proxima ilha de Tenedos, e se dirigirão para o altar. O povo fugiu consternado; porém Laocöonte e os seus filhos forão victimas dos monstros. Os filhos forão atacados primeiramente,

e logo o pái que intentou defende-los. Enroscando-se-lhe no corpo, as serpentes levantavam suas formidáveis cabeças acima da sua victima, que na maior agonia em vão se esforçava para ver-se livre das poderosas enroscaduras. Em seguida os monstros se encaminharão ao proximo templo de Pallas, e collocando-se aos pés da deusa occultarão-se debaixo do seu escudo. O povo viu em tudo isto o castigo de Laocoonte pela sua impiedade em ter vibrado a sua lança contra o enorme cavallo de madeira que os Gregos tinham consagrado a Minerva. Esta é a fabula de Laocoonte, cuja relação a julgamos quasi necessaria para que alguns de nossos leitores possam comprehender melhor o sentido do grupo representado na estampa que adorna a primeira pagina d'este numero.

Esta famosa obra de escultura foi descuberta nos banhos que mandou construir Tito no monte Esquilino. Plinio, na sua historia natural, faz menção d'este grupo, dando-lhe o nome de Laocoonte, obra que na sua opinião é superior a toda outra produção da arte. Tres célebres escultores de Rhodas, chamados Agesandro, Polidoro e Atenodoro, unirão seus esforços para a execução d'esta obra intentada para o imperador Tito Vespasiano.

Todos os intelligentes estão de accordo em que o grupo de Laocoonte é uma obra primorosa de escultura, — arte cuja perfeição foi por alguns caprichosamente reduzida ao seculo de Phidias; porém hoje está demonstrado que a escultura floreceu com toda a excellencia da arte grega durante os dous primeiros seculos da era christãa sob os auspícios dos imperadores e cidadãos opulentos de Roma.

E' necessario confessar que não ha um homem entre dez mil capaz de julgar da verdade com que uma estatueta representa a forma humana, quer em acção, quer em repouso; requerendo-se para isso um conhecimento tão exacto da anatomia exterior do corpo, e um estado tão attento da forma humana nua, que mui poucos são os que tem occasião de obter estes dous conhecimentos; podendo-se acrescentar, que, entre os poucos que tivessem occasião d'estudar a forma humana nua em variedade de attitudes, seria muito raro achar quem estivesse dotado da sagacidade necessaria para comparar todas as proporções da figura real e da imitada.

A figura de Laocoonte pertence á classe mais alta de robustez e força varonil, e superior á idéa ordinaria que temos do esforço do poder humano. A apparencia de tormento e agonia é intensa, porém esta agonia parece effeito da desesperação, não se descobrindo na representação a resistencia d'um verdadeiro valor, nem sendo provavel que a posição da serpente que ataca o pái podera produzir semelhante desesperação. Parece que os escultores não tinham exacto conhecimento da maneira com que o *bóá constrictor* se enrosca para opprimir sua victima, pois duas ou tres voltas pelo corpo de Laocoonte seriam sufficiente causa para a sua total desesperação; porém da maneira com que estão representadas no grupo as duas serpentes, mais bem parecem as que brincão com os Indios encantadores de cobras.

Outra observação feita contra a propriedade d'este grupo é, que o pái está inteiramente absorto na sua dor sem curar dos tormentos de seus filhos. Aquelle que está do lado esquerdo, ainda não tem sentido a mordedura fatal, e as duas enroscaduras pelo braço direito e pé esquerdo são, na nossa opinião, incapazes de quebrantar as extremidades solidas d'aquelles membros; o joven com tudo olha para o seu agonizante pái, que sente já a mordedura do monstro, como implorando socorro. O ou-

tro que já tem sentido a ferida mortal, estende o braço direito na maior desesperação, em quanto com a mão esquerda procura retirar a cabeça do seu atormentador. Examinando este grupo nos tem lembrado outra difficuldade, e é, que uma serpente opprime o pái e um filho, e a outra liga as tres figuras por membros separados a um mesmo tempo, o que não poderia acontecer sem uma triple e simultanea attenção de que é incapaz todo o bruto; porem a idéa de formar um grupo mais composto pode ser que tornasse necessaria esta impropriedade.

Devemos observar ao mesmo tempo, porque assim o exige a justiça, que esta obra, bem como outras muitas da arte grega, não representam acontecimentos da vida ordinaria dos mortaes, senão scenas heroicas da imaginação; e por esta razão não será justo julgar do grupo de Laocoonte meramente como uma amostra da *arte imitativa*. E' verdade, que todas as partes de que se compõem são objectos que existem na natureza; porém a união do conjunto pertence sómente á imaginação. Eis porque devemos admirar os talentos do escultor todas as vezes que a sua obra excite os sentimentos que intenta inspírar, sem esquecer-nos que o frio marmore não é materia muito propria para representar as paixões intensas, nem as emoções doces da alma; a formosura natural, ou belleza ideal em scenas tranquillisa é o theatro mais proprio do pincel, do marmore, do gesso ou do barro.

A historia de Laocoonte, ou o fado cruel deste infeliz sacerdote de Júpiter, e de seus filhos pela ira de Minerva, tem sido contada por Virgilio com a sua costumada elegancia em magnificos versos; e como esta parte da Eneida muito poderá contribuir para a intelligencia da estampa, aqui offerecemos a nossos leitores uma traducção feita pelo Sr. Antonio José de Lima Leitão, e impressa no Rio de Janeiro no anno de 1819.

Successo então mais hórrido nos turba  
A inquieta phantasia: junto ás aras  
Laocoon, antiste do cerúleo Jove,  
Immolava solemne um toiro ingente.  
Eis das margens de Tenedos se arrojo,  
Nadando a par pelas tranquillias ondas,  
Duas serpentes de estatura enorme:  
Seus vastos collos sôbre o mar se elevão,  
Altas entõas as sanguineas jubas,  
E a de mais corpulencia abraça as vagas,  
Que espumeas rugem entre as amplas rôscas.  
Já para nós em terra os monstros correm,  
Do ensanguentado olhar nos vibrão chammas,  
E, as linguas revolvendo furibundas,  
Formão na aberta guela horrendos silvos.  
Fugimos com terror. As torvas serpes  
Tomão rumo a Laocoon, e aos dous filhinhos;  
Enlação com a cauda os tenros corpos,  
E a fome sevão nas mesquinhas carnes:  
Arrebatão depois com largas rôscas  
O triste pái, que dardejál-as ia;  
Cingem-lhe dupla vez o peito, e o collo,  
E as altas frentes lhe alção sôbre a frente.  
De atra noventa peste as fitas sparsas,  
Co' as mãos desdar os nós elle se affinca,  
E clamôres horrendos manda aos astros.  
Mugidos lança, qual ferido toiro,  
Que ás aras foge, da cerviz havendo  
Segure mal-certeira sacudido.  
Por fim exhala os últimos arrancos.  
Os dous dragões entõas o excelso templo  
Rápidos buscão da cruel Tritónia;  
Da Deusa sob os pés, e armas se occultão.

## O JOGO DO XADREZ.

O REI dos jogos, o mais nobre, o mais profundo, o mais sabio de todos elles, o jogo por excellencia, é sem contradicção o Xadrez. A sua origem esconde-se segundo alguns autores na noute dos tempos heroicos, e o nome e o paiz do seu inventor perderão-se com o andar dos séculos. O que ha porem de mais certo a este respeito é que os Arabes, os Chinos, e Persas reconhecem que receberão o jogo do Xadrez da India. Eis aqui como os seus escriptores narrão a sua origem.

No principio do seculo quinto da era christã, reinava n'uma parte da India um monarca joven, cujo reino era situado na embocadura do Ganges: seu pai tinha extendido os limites dos seus estados, feito tributarios os reis seus vizinhos, e deixado grandes riquezas.

O joven principe esqueceu-se que devia ser o pai dos seus subditos, e que estes compoem a força e o poder do soberano, e em consequencia d'isso opprimiu seu povo, e se entregou á devassidão, e a toda sorte de prazeres e crueldades.

Em vão os Radjaes e Brahmins lhe representarão respeitosa e imprópria da sua conducta; surdo aos seus prudentes conselhos, offendeu-se o seu amor proprio, e não tardou em mandar matar aquelles que tiverão a ousadia de desaprovar a sua conducta.

Espalhou-se o terror; os bons conselheiros se retirarão da córte, e o principe abandonado aos sycofantas corrompidos foi levado aos ultimos excessos. O povo opprimido com o pezo da tyrannia rebelou-se; e os reis tributarios convencidos que o monarca havia perdido toda a força perdendo o amor dos seus subditos, sacudirão o jugo e declarão-lhe guerra.

N'estas circumstancias um filosofo Indio chamado *Sissa*, commovido das desgraças da sua patria, tratou de patentear ao rei os funestos effeitos da sua conducta; receando porem que a sua lição tivesse o premio que receberão os outros conselheiros, quiz que o principe mesmo aprendesse, sem julgar que o filosofo se erigia em seu mestre. Com este animo inventou o jogo do xadrez, e ensinou a joga-lo ao monarca; e não se esqueceu de lhe fazer ver que n'esta imagem da guerra, o rei não tem força nenhuma de per si só; que a sua salvação depende ás vezes da peça menos importante, e que não pode atacar nem defender-se sem o soccorro dos seus soldados.

O principe tinha talento natural, e applicando a si as lições do Brahmin, mudou de conducta, e evitou as desgraças de que se via ameaçado. D'esta arte foi que *Sissa*, por meio d'um jogo engenhoso, conseguia que o imprudente monarca gostasse das verdades que antes excitávão a sua colera.

Não tardou o novo jogo em fazer-se celebre, e da India passou á Persia, e de lá a Arabia; (\*) porem com circumstancias singulares conservadas pelos escriptores Orientalistas, e que fazem ver que

(\*) Os Arabes sam os que introduzirão o Xadrez na Europa, como o indica o mesmo nome do jogo, e a palavra *alfin* (corrompida do espanhol *alfil*, isto é, *elefante*, porque *fil* significa elefante nas antigas linguas orientaes) nome dado áquella peça que se colloca ao pé do rei e da rainha. Ignoramos a razão que podem ter os Ingleses para chamar *bispo* á dita peça, nome certamente improprio; porem que muitos jogadores portuguezes chamem *bispo* a uma peça que na sua propria lingua tem um nome mais proprio e significativo e verdadeiramente ridiculo.

por toda a parte o xadrez serviu não somente para divertimento dos reis, mas tambem para sua instrução. Quando o sabio academico francez *Freret* leu n'uma assemblea extraordinaria na presença de Luiz XV, uma dissertação sobre a origem do xadrez, não perdeu a occasião de dar ao rei algumas lições indirectas.

Muitos são os tratados do jogo do xadrez escriptos em diversas linguas. *D. Pietro Carrera* publicou um em folio em 1617; o espanhol *Rui Lopez de Segura*, (\*) e o italiano *Domenico Tarsia* tambem composêrão outros. O Calabrez, *Cunningham*, *Bertin*, *Philippe Stamma de Alepo*, *Lolly* o abbade *Cerutti*, e *Philidor* tambem escreverão sobre este jogo; e é bem conhecido o lindo poema latino sobre o xadrez por *Jeronião Vida*, bispo de Cremona. Um dos primeiros livros que se imprimirão na cidade de Valencia, e no dialecto engraçado d'aquella provincia, foi um tratado do xadrez; (\*\*) prova do gosto que havia por este lindo jogo. Modernamente os Francezes e os Ingleses tem publicado em prosa e em verso varios tratados do xadrez, alguns d'elles muito curiosos. O abbade *Roman* escreveu um poema em quatro cantos, e no ultimo desereve o jogo que o auctor jogou com *João Jacobo Rousseau*. Este filósofo não era tão bom jogador como *Voltaire*.

Entre os litteratos que tratarão das origens e descripção do jogo do Xadrez, não deve esquecer o nome do Dr. em *Theologia* pela universidade de *Oxford*, *Hyde*, que escreveu no anno de 1604 um mui douto livro sobre este assumpto, e reuniu varios poemas em Arabico sobre este interessante jogo.

A moralidade, que se pode deduzir do Jogo do Xadrez, tem fornecido ampla materia a seu panegyristas. Alguns quizerão mostrar que este jogo incitava a guardar os dez Mandamentos, e neste sentido tratarão de cada um em separado. Um mui antigo escriptor sobre este assumpto foi *Jacobus de Cessolis* (ou de *Thessalonia*) cuja obra \*\*\* *Dos deveres moraes do homem, extrahidos do jogo do Xadrez* escripta em Latim, antes do anno 1200 mereceu ser traduzida em todas as linguas da Europa; e é singular o ter dado lugar a grande questão, se a traducção Inglesa pelo impressor *Caxton* foi ou não o primeiro livro que se imprimiu em Inglaterra. Em todo o caso foi um dos primeiros e isto bastará para mostrar o grande apreço em que sempre foi todo este jogo.

Os Ingleses tem igualmente um pequeno poema n'um canto do jogo do xadrez, intitulado *Caissa*.

A moral do Xadrez pelo Dr. *Franklin* não é desconhecida de muitos dos nossos leitores, particularmente se são afeiçoados a este jogo que tanta honra faz ao seu sabio inventor. Vamos inserir aqui uma das reflexões moraes d'aquelle filosofo americano.

“Aprendemos no jogo do Xadrez a não desanimar-nos pela má apparencia dos nossos negocios, a esperar uma sorte favoravel, e a procurar com perseverança novos recursos; porque o jogo está tão cheio de acontecimentos, ha n'elle lances tão variados, a sua fortuna está tão sujeita ás vicissitudes, que frequentemente acontece vermos um jogador que se considera inteiramente perdido, sair

(\*) Libro de la Invencion del Axadrez. Alcalá 1561 4.º

(\*\*) Libre deis Jochs partitis del Schachs, por Fr. Vicente Valencia 1492 — 4.º

(\*\*\*) Desta obra ouvimos dizer que existe um raro exemplar manuscripto na Biblioteca Portuense.



## SOBRE A HISTORIA CONTEMPORANEA.

Damião de Goes.

N.º 2.

DISSEMOS no nosso antecedente numero ( pag. 2 ) como Damião de Goes sujeitára dous capitulos de sua Chronica d'el-Rei Dom Manuel á censura da viuva de Dom João 3.º, a Rainha D. Catherina, que, bem que deixou em 1562 a formal regencia do reino na minoridade de seu neto el-Rei D. Sebastião, ficou sempre com tudo com certa ingerencia no governo, pela administração que ella se reservou da pessoa e caza do rei menor; e publicámos um destes capitulos, a saber: o 23.º da Parte 3.ª da referida Chronica, comparando o original manuscrito do mencionado auctor com o capitulo impresso resultado das correções que se lhe fizeram e que apontámos. Resta-nos fallar do segundo capitulo a que se refere a carta regia que então copiámos; vem a ser o 27.º da mesma 3.ª Parte.

Este capitulo no manuscrito de Goes, que agora offerecemos a nossos leitores, é mui differente daquelle que se lê na Chronica impressa. Não apresenta com tudo o manuscrito traço ou interlineação alguma a indicar correção, mas é claro que foi totalmente refundido por penna mais diffusa.

Entre a mesma collecção de papeis donde extraímos estes dous capitulos, encontrámos uns apontamentos que parece forão destinados a esta refundição, porque os achamos quasi litteralmente copiados no capitulo impresso. Não nos atrevemos a positivamente affirmar que são da mão de Pedro de Alcaçova, mas não obstante alguma apparente differença de sua usual letra de mão, inclinamo-nos a attribuir-lh'os.

A extensão do capitulo que se lê na Chronica não consente sua impressão cotejada com o original de Goes, como fizemos com o cap.º 23. Referimos essa comparação aos curiosos e limitar-nos-hemos á impressão do capitulo manuscrito, ajuntando em notas, e nos seus lugares competentes, os apontamentos que citámos.

CAP. 27. Do nascimento do Infante Dom Henrique, e das qualidades de sua real pessoa, e algumas cousas que fez e instituiu até o presente.

ESTANDO el-Rei em Lisboa pariu a Rainha D. Maria sua mulher nos paços da Ribeira o Infante D. Henrique, no derradeiro dia do mêz de Janeiro do anno de 1512, no qual dia nevou na cidade, cousa que da memoria d'homens se não achou que d'antes acontecesse, nem aconteceu depois até agora que ha cincoenta e quatro annos. Este serenissimo príncipe tomou o habito de clérigo de idade de 12 annos. As primeiras prelazias que teve forão Prior de S. Cruz de Coimbra, e Arcebispo de Braga. E' mui zeloso de fazer a guerra aos mouros, e para isso deu grande ajuda de sua fazenda ao Infante D. Luiz seu irmão, quando em companhia do Imperador D. Carlos 5.º do nome seu cunhado, foi sobre a cidade de Tunez, e a ganhou aos mouros. Do qual zelo movido, fez tanto com D. Philippe, Rei de Castella e Leão, por suas cartas e embaixadas, que a sua instancia mandou uma armada, no anno de 1564 sobre a fortaleza do Pinhão de Vellez, e a ganhou com ajuda d'outra armada que lhe este príncipe, como

regente que ja era destes reinos, mandou de galles, galês, e outros navios d'alto bordo, com muita gente nobre da caza d'el-Rei, de que foi por Geral Francisco Barreto, Governador que fôra da India. Alem da ajuda que deu ao Infante D. Luiz para a ida de Tunez, como bom amigo que sempre foi de seus irmãos, dotou em casamento ao Infante D. Duarte toda a legitima que lhe ficou d'el-Rei seu pai, e da Rainha sua mãe, em que montava uma grande somma de dinheiro.

No traje e tracto de sua pessoa é pouco mimoso, e mui temperado no despende em cousas profanas, e nas que tocão a religião e charidade mui largo: da qual movido, alem d'outras esmolos que continuamente fêz, e faz, havendo algumas vezes esterilidade nestes reinos, mandou buscar muito pão fora delles, de que deu gram parte por amor de Deus nas suas dioceses, e o demais pelo preço que lhe custava. *E' tão liberal no dar destas esmolos, que por este respeito não pôde acudir a seus criados, e continuos de sua caza, com as mercês que delle por seus serviços podem esperar, em muitos dos quaes poderião ter nome de esmolos.\**

Sucedeu no bispado d'Evora e abbadia d'Alcobaça, por falecimento do Cardeal D. Antonio seu irmão, a qual diocese por lhe el-Rei D. João seu irmão comprazer supplicou ao papa que mudasse o titulo de bispado em arcebispado. Fundou na mesma cidade [um magestoso e sumptuoso collegio \*], que deu aos Irmãos da ordem da Comp.ª do nome de Jesu, o qual collegio dotou de rendas de que se podem manter abastadamente 70 religiosos desta Comp.ª dos quaes são 20 lentes, e 20 ministros e officiaes, e os 30 estudantes. E pela mesma maneira ordenou uma capella com renda para 28 clérigos pobres, os quaes são obrigados por tempo de 2 annos irem ao tempo que se faz lição ao Collegio 2 vezes no dia ouvir casos de consciencia: e tem estes cada anno 10.000 reis cada um para ajuda de sua despeza; para a qual tença tomou os  $\frac{2}{3}$  do que rende uma conesia. Dotou mais outra capella para vinte e quatro clérigos pobres, que ouvem artes e theologia, a que ordenou da meza pontifical a cada um 12.000 reis, e uns e outros se provêm por opposição. Alem disto ordenou outro collegio de meninos orphãos, e para os moços do coro da sé. Fundou no termo da mesma cidade d'Evora em Valverde um mosteiro da ordem de S. Francisco da Provincia da Piedade: edificou na mesma cidade a caza da Inquisição, no que despendeu muito de sua fazenda, e assim o faz com os officiaes della. Despendeu por muitos annos toda a renda que tinha em Alcobaça nas obras do mesmo convento, e assim em um collegio da mesma ordem de S. Bernardo, que edificou na Cidade de Coimbra. Edificou o mosteiro de Coz de freiras da ordem de S. Bernardo quasi de novo. Reparou á sua custa todos os mosteiros de monges e freiras que no reino ha desta ordem, e no de Tarouca fundou um collegio em que se lê lingua latina. Aceitou ser inquisidor geral nestes reinos sem nenhum outro premio que do puro zelo da fé. Depois de ser Arcebispo d'Evora foi creado Cardeal de Portugal, do titu-

(\*) O capitulo da Chronica diz inteiramente o contrario; porque diz que o Cardeal tinha "mui bons homens em seu serviço e letrados eminentes em todo o genero de fuculdades; olha muito por elles, fazendo-lhes muitas mercês. Mas não quiz o Censor consentir no que fosse talvez desafogo de Goes por causas particulares suas.

(\*) Os apontamentos citados dizem: "mui bom e grande edificio no qual despendeu pászante de 50,000 cruzados.", A Chronica traz: "alem de 70,000,,"

o dos Santos quatro coroados, dignidade que lhe concedeu o Papa Paulo 3.º no anno do Senhor de 1545, e alguns annos depois lhe commetteu o Papa Pio 3.º a legacia a latere, em o qual cargo, e assim no da Inquisição, é tão inteiro, e vai tanto com a balança ao fiel, que os que mal vivem, ou por medo, ou por vergonha, se emendão dos seus vicios e erros. Nas visitações de suas prelaçias, é e foi sempre tão rigoroso, que a nenhuma pessoa perdoa o castigo que merece, e sobre tudo aos poderosos dos quaes os que havia no Arcebispado de Braga erão os que mais livremente vivião; mas elle os puniu, e castigou de maneira que vivem agora como o devem fazer os bons religiosos.

Occupado assim nestes negocios e cousas do serviço de Deus, se lhe accrescentarão outros com a morte do Infante D. Luiz, por el-Rei o logo occupar nos do governo do Reino, e fazenda, do modo que o Infante D. Luiz fazia. Mas todos estes trabalhos se multiplicarão por falecimento d'el-Rei, [tomando a Rainha D. Catherina sua mulher, confiada na ajuda deste principe, o governo do reino, no qual lhes succederão muitos negocios e mui graves, o que estes dous principes tratarão sempre com muita prudencia e amizade\* ]

Este principe foi causa unica de se [começar\*\*] a fortaleza que se agora faz na foz de S. Gião, á custa de 1 por cento que pôz nas mercadorias que tirão do reino: o que ordenou para segurança da entrada do porto da Cidade de Lisboa. Mandou reparar o cano d'agoa da prata da Cidade d'Evora que estava quasi perdido, e para se sosteer lhe ordenou renda separada. Governando a Rainha, veio o Xarife rei de Marrocos, de Fez, e Miquinêz, Snr. de Hea, Suus, da Enxovia, e outras provincias, cercar o castello de Mazagão, que os reis de Portugal tem em Africa, com mais de 120.000 homens de pé e de cavallo; o qual cerco foi tão apertado que de nosso tempo se não sabe que fosse outro nenhum mais, nem na India, nem em Africa, nem em toda a Eufopa; ao qual a Rainha, com conselho e ajuda deste serenissimo principe, soccorreu com tanta abundancia de gente Portugueza, sem outra nenhuma mistura, e de todas as cousas necessarias, que o Xarife depois de estar muito tempo sobre este Castello, foi constringido de levantar o cerco. O que tudo passado [conhecendo a Rainha que o pezo do governo do reino era tão trabalhoso, que sua má disposição e fraqueza o não podião soffrer, e sobre tudo desejava de dar o mais de sua vida ao serviço de Deus, nas cortes que se fizerão em Lisboa no anno de 1562 o renunciou totalmente neste esclarecido principe, reservando para si o governo da pessoa e caza d'el-Rei Dom Sebastião seu neto; no que o dito Snr. Infante consentiu e aceitou o governo do reino com muito amor do serviço de Deus e d'el-Rei seu Sobri-

(\*) Dizem os apontamentos: *E occitando a Rainha D. Catherina todo o governo destes reinos depois do fallecimento d'el-Rei seu marido, que Deus tem, o tomou a elle por seu ajudador; de que se lhe seguirão mui grandes e mui continuas occupações, pela carga ser tão grande e tão difficilissima; e ambos serão sempre mui conformes no que convinha a serviço de Deus, e d'el-Rei, e do bom governo destes reinos.*

Pouca differença faz este apontamento do que lemos no original, mas ha suspeitas de que a amizade entre os 2 principes nunca fosse muito grande; e este apontamento assim como outro mais adiante indicão que havia muita susceptibilidade neste ponto. Temos em mão um documento que talvez lance alguma luz sobre intrigas entre a Rainha D. Catherina e o Cardeal Infante D. Henrique; e que em algum numero publicaremos.

(\*\*) "*Fez edificar etc.*" E' dos apontamentos.

no. \* ] Ao presente em que corre o anno do Snr. de 1566 é este incllyto principe Arcebispo de Lisboa; na qual dignidade succedeu por falecimento de D. Fernando de Menezes de Vascogoncellos, e o Arcebispo d'Evora resignou em D. João de Mello, Bispo do Algarve. [Podera neste capitulo alargar mais o estylo, mas como á perfeita gloria dos homens se não possa dar remate senão depois que lhe faltão as occasiões do bem e mal fazer, que é quando tem acabado o curso dos trabalhos deste mundo, remetto o demais deste negocio aos que depois de seu falecimento tomarem o cargo de escrever por extenso todo o processo de sua vida. \*\* ]

### SOBRE MELHORADOS MEIOS DE TRANSITO.

A facilidade de transito — no interior do paiz e com o estrangeiro — por terra ou por agua — é um dos mais essenciaes elementos da prosperidade nacional. Mostra-me um povo que tem muitas e boas estradas — que é sulcado de canaes — que tem grande navegação externa e costeira — e tendes-me apontado um povo rico, prospero, poderoso. Por isso vemos nós as nações, que mais zelosas se tem mostrado na promoção dos meios que possão augmentar sua prosperidade, sempre tratão de suas estradas e de sua navegação com summo desvêllo. Neste ponto toma a primazia de todas as nações a Inglaterra; mas ainda que nesse paiz, desde ha muito tempo, se tivesse levado a construcção das estradas ao maior auge de melhoramento que comportão os principios de sua fabrica, com tudo varios obstaculos, como a perda de tempo e o gasto expellido em jornadas, assim como as extraordinarias despezas inherentes á conservacão das estradas, fuzião com que a sociedade não derivasse dellas todas as vantagens que se desejava, se não apparecessem em operações melhorados planos de transito e communicacão. Obviouse felizmente a estas difficuldades, e a Sciencia triumphou dos obstaculos que se oppunhão á extensão dos dons da natureza e dos beneficios da arte. A invenção e aperfeicamento dos caminhos de ferro — a applicação da força expansiva do vapor da agua em fervura ás maquinas estacionarias, e loco-motivas — tanto terrestres como maritimas — tem effectuado melhoramentos que excedem tudo quanto se poderia imaginar de possivel, e tem vindo realizar prodigios que narrados (caso possivel fosse) aos Antigos ter-lhes-ião parecido delirios da imaginacão. Com effeito confundem-se as nossas usuaes idéas da medida de distancias, quando nos consta que se pôde viajar na razão de 7 a 8 legoas por hora (como se tem feito no caminho de ferro de Liverpool a Manchester) e que a communicacão da Inglaterra com a India Oriental faz-se já em 6 semanas! Redobra nossa admiracão quando reflectimos que o principal agente de tão rapido movimento é o vapor da agua a ferver!

(\*) Lê-se nos apontamentos "*E conhecendo a Rainha que o pezo do Governo do reino era mui trabalhoso, e que por suas más disposições o não podia soffrer, desejava de sua consolação e recolhimento, nas Cortes que se fizerão em Lisboa no anno de 1562, o renunciou neste esclarecido principe; o qual elle aceitou com muito amor do serviço de Deus, e d'el-Rei seu Sobrinho.*" Assim a Chronica.

(\*\*) Esta ultima passagem entre [ ] é conservada na Chronica impressa, mas não termina o capitulo. Neste não se falla de ser o Cardeal Arcebispo de Lisboa em 1566, e ter resignado o Arcebispo d'Evora.

Que immensas vantagens se não tirão de tão aperfeiçoados meios de conducção! O commercio acha mais frequencia, segurança, e rapidez em sua correspondencia, em seu intercurso pessoal, no transporte de suas fazendas; os productos do paiz e do estrangeiro podem procurar, segundo a variedade das circumstancias, os mais convenientes mercados; com a facilidade da satisfação das necessidades e desejos actuaes, novos desejos, novas necessidades apparecem, e daqui novos ramos de commercio se crião. A agricultura participa destas, e goza d'outras vantagens que lhe são peculiares, não sendo das menores a mais igual distribuição da população sobre a superficie do paiz — consequencia necessaria da multiplicidade de estradas — e a economia da força animal, que, em proveito della, resulta da substituição de forças mecanicas. As Sciencias e as Artes marchão com passos gigantes, a que as excita o melhorado intercurso social e a communicação de conhecimentos. A nação como aggregado de individuos se torna *uma e indivisivel* em comunidade de pensar e fraternidade de interesses desapparecendo a mesquinhez dos chamados *locaes*: e mesmo como força politica a nação se torna mais respeitavel, quando se vê a facilidade com que ella pôde mover suas forças e recursos de um lado do paiz para outro, ou concentra-los com rapidêz no ponto de aggressão. Finalmente os habitantes d'um grande reino tornão-se como se fossem d'uma só provincia — os paizes estrangeiros como provincias d'um mesmo imperio.

Acha-se Portugal em grande atrazo a respeito de communicações internas. Canaes não possuímos; nossa navegação fluvial é entregue a si mesma; nossas estradas apenas merecem o nome, e é de espantar que seja possível transitar pela maior parte dellas.

Daqui nasce o grande acrescimo de preço que a conducção penosa inflige no custo natural de nossos productos indigenos; as difficuldades de communicação e intercurso, que fazem que menos sabemos nós, os habitantes do Porto, o que se passa no Algarve, do que o que acontece em Londres, e que mais facilmente nos resolveremos a emprender viajar em paizes estrangeiros do que a visitar as cidades principaes de cada provincia do Reino, que desta sorte para muitos é paiz incognito.

E' verdade que já para este ponto se dirigem com sollicita attenção as vistas do publico, e que razoavelmente podemos esperar que com o tempo se realizem as projectadas estradas e meios de communicação; no entretanto persuadidos da importancia do assumpto e aproveitando-nos da oportunidade que se offerece na direcção das attentões do Governo e da nação a esses melhoramentos de nossas estradas e barras, tencionamos n'uma serie d'artigos excitar em nossos concidadãos a consideração dos aperfeiçoados meios de transitio que formão os portentos da civilização moderna. Assim tomaremos successivamente para nosso thema I. Os caminhos chamados de ferro. II. A applicação destes a alguns trabalhos, como o das Minas de carvão. III. A força expansiva do vapor da agua como agente de machinas estacionarias. IV. A applicação desta força aos usos da navegação. V. A appropriação da mesma ás machinas terrestres, que se movem ou sobre caminhos de particular construcção, ou sobre as estradas usuas. Passaremos subsequentemente a Pontes de ferro, Pontes suspensas &c. Não pretendemos que taes construcções, que exigem cabaes conhecimentos scientificos, e grandes despezas, tenham immediata introducção em nosso paiz; mas como nem

elles chegarão ao auge de perfeição em que hoje se achão d'um só passo, assim poderemos lisonjear-nos, que conhecedores dos lentos grãos porque caminharão ao seu estado actual, saberemos desejar o melhor, e até que elle se realize, aproveitando algumas destas primeiras invenções menos dispendiosas, preferiremos o mediano ao pessimo.

#### SOBRE CARRIS-ARTEFACTOS,

*usualmente denominados Caminhos de Ferro.*

O termo *Caminhos-de-ferro* é tão defectivo quão incorrecto; porque não contendo palavra que indique os principios sobre que as estradas a que se refere são construidas, induz de mais em erro sobre a materia de que se usa nestas construcções, que tanto pôde ser ferro, como madeira (\*), pedra, ou outra substancia dura. O objecto principal d'um *chamado* caminho de ferro é o remover as causas donde procedem o attricto e a difficuldade de tiro nas estradas usuas; a saber: a desigualdade do terreno, suas inconvenientes declividades, e os trilhos mais ou menos profundos que com o tempo necessariamente sulcão as rodas dos carros no terreno. Para obviar a estes inconvenientes dá-se ás estradas uma perfeita horizontalidade, ou um suave declive (\*\*), e collocão-se os carros que devem rodar na estrada sobre duas *rodeiras* estreitas de madeira, ferro &c., que occupão todo o comprimento do caminho (por leguas que seja), e sobre as quaes se sujeitão os carros a mover-se. Desta sorte se evita a fricção ou attricto, e pouca força dará grande rapidêz de movimento. Desta definição preliminar de *caminhos-de-ferro*, que será sufficiente para entrarmos em materia, vê-se a imperfeição da denominação. Tentamos, por tanto, substituir-lhe outro nome, que, se não é perfeito, poderá ao menos indicar a fundamental caracteristica destes novos caminhos.

*Carril* — ou *rodeira*, se chama em Portuguez ao trilho, que no terreno deixão os carros, e pelas palavras *carril-artefacto* denominaremos o caminho cuja essencia consiste na modificação *artificial* da substancia sobre que girão as rodas dos carros que nelle se movem; e pelo acrescimo da substancia que se substitue ao terreno natural, teremos *carris-artefactos de ferro, de madeira, de pedra* &c. Desta fórma, fugindo da incorrecção da derivação Franceza *chemin-de-fer*, aproximamo-nos do *rail-road* dos inglezes, que assim como *carril-artefacto* não nos liga á idéa de ferro. Conhecemos que o termo que queremos introduzir não é livre de equivooco, porque todo o trilho ou carril é *artefacto*; isto é, resulta de *arte*; mas, depois de muito pensar, nada melhor julgamos encontrar. Aceitaremos de boa mente qualquer melhor denominação. (\*)

**Origem dos carris-artefactos.** A idéa d'um caminho no qual os *carris* para rodas fossem de substancia dura e resistente, é mui obvia, e como tal tem sido realisada em uma ou outra parte desde remotos tempos. Na Russia, por exemplo, forão taes construcções empregadas, desde os co-

(\*) De madeira ha varios nos Estados-Unidos d'America do Norte.

(\*\*) Ha declives mui ingremes, como adiante diremos; mas aqui entrão fins especiaes e agentes de força extraordinaria, como o vapor.

(\*) O termo *via-carril*, ou *estrada-carril*, seria mui exacto, se *carril* (que aqui quizeramos fazer adjectivo, indicando cousa relativa a *carril, rodeira*) não significasse "cousa propria para carro", e daqui resultasse o equivooco de se tomar *estrada-carril* por "estrada apta para carros." Os Hespanhoes adoptarão o termo "*Ferro-carril*."

meços de sua civilização, para o transporte de madeiras através dos terrenos pantanosos de suas matas; e de madeira mesmo erão formados os carris. Outro tanto se poderá dizer dos districtos similhantes no Norte da America. Mas deixando a inutil investigação do tempo ou paiz em que primeiramente se deu execução a este artificio, limitar-nos-hemos á origem e progresso dos carris-artefactos de Inglaterra, que foi sem duvida o paiz, donde, nestes tempos modernos, se propagarão pela porção civilizada de Europa e America.

Podemos fixar as primeiras construcções de carris-artefactos, no norte de Inglaterra, junto ás minas de carvão nas visinhanças de New-castle, entre os annos de 1602 e 1649. O uso do carvão, que então começou a vulgarisar-se, fêz nascer a idéa deste expediente para diminuir as enormes despesas da conducção, que nesse tempo se fazia por carros, ou bestas de carga; e talvez que a invenção fosse accelerada pela situação particular dos locais a que foi primeiramente applicada, achando-se as boccas das minas em lugares elevados, donde bastaria a mera força da gravidade para levar um carro por um plano inclinado até aos proximos portos de mar. Os carris primeiramente usados forão de madeira; e destes mesmos houverão varias modificações.

**Primeiras Construcções.** Dava-se á estrada o declive mais suave e constante que era possível, e fazião-se nella, e em todo seu travéz, excavações de poucas pollegadas de profundidade e de largura, e que tivessem em comprimento 6 pés, isto é, um pouco menos do que a estrada tinha de largo. Collocavão-se nestas excavações, que distavão entre si 2 ou 3 pés, travessões de madeira de carvalho, a que se dava, como já indicámos, o comprimento de 6 pés, e cuja grossura e largura erão de 6 a 8 pollegadas. Sobre estes travessões se assentavão duas continuadas linhas de vigas, apartada uma linha da outra de 4 pés. Estas vigas entravão n'um pequeno engaste feito nos travessões, e erão a elles seguras por cavilhas de madeira. As dimensões das vigas erão 6 ou 7 pollegadas de largo, e 5 de grosso; seu comprimento aquelle que dava a madeira. Os travessões erão grosseiramente trabalhados, menos onde assentavão as vigas; estas erão necessariamente perfeitas e acabadas. O espaço intermediario entre travessão e travessão era aplanado com saibro, tijollo e pedra quebrada &c.; em fim tornava-se o mais solido que se podesse. Sobre este par de linhas de carris assentavão as rodas dos carros, que erão formadas de largos rollos de madeira com uma moldura que encaixava nas vigas, e sujeitava os carros a moverem-se sobre os carris. Este artificio, bem que imperfeito e grosseiro, ja offerecia tão grandes vantagens na diminuição da fricção, que um cavallo puxava pela carga com que sómente quatro podião nas estradas usuaes. Mas os seus inconvenientes erão consideraveis. A acção das rodas (augmentada pelo grande pezo dos carros que se usavão) arruinava os carris, que era preciso continuamente renovar; e nestas renovações, os travessões bem depressa se estragavão nos pontos em que se cavilhavão os carris, e erão demais deteriorados consideravelmente no seu centro pela trilha dos cavallos que puxavão os carros. Assim ainda que superiores ás estradas usuaes, a frequente renovação dos travessões e carris comportava material gasto de tempo, trabalho, e dinheiro. Obviou-se de certo modo a estes inconvenientes pela modificação seguinte.

**Segundas Construcções.** Feita a estrada, e o carril, do modo já indicado, collocou-se sobre o carril uma nova ordem de vigas. Isto offerecia varias vantagens: as vigas superiores gastavão-se até final sem se quebrarem, e o carril podia com pesos maiores; quando as vigas superiores estavão inutilizadas renovavão-se sem detrimento dos travessões, e mesmo sem o das inferiores, porque nestas variava-se o ponto de cavilha á vontade; entulhava-se todo o centro da estrada entre a linha de carris até á face superior das vigas inferiores, e desta sorte se fortificavão com a pressão lateral os mesmos carris; e demais, ficando os travessões enterrados debaixo de toda a camada de entulho, não erão sujeitos ao estrago do pizo dos cavallos.

Nesta melhorada construcção os travessões erão geralmente de carvalho robusto, de 6 pés de comprimento, e 5 ou 6 pollegadas em quadria. As vigas inferiores forão ao começo de madeira de carvalho, e subseqüentemente de pinheiro; suas dimensões erão 6 pés de comprido, (abrangendo tres travessões) 5 pollegadas de largo, e 4 ou 5 de grosso. As vigas superiores erão das mesmas dimensões, e usualmente de faia ou platano; estas erão seguras ás inferiores por cavilhas de madeira; e não se assentavão sobre estas senão depois de entulhado o centro entre as vigas inferiores, e bem batido o caminho. Naquellas partes da estrada onde se apresentavão desigualdades que não se podião nivellar, ou onde se davão voltas abruptas pregavão-se chapas delgadas de ferro battido sobre os carris superiores, a fim de conserva los e diminuir a fricção.

Com estes melhoramentos ficarão por muitos annos estacionarios os carris-artefactos. As communicações de maior extensão erão effectuadas por canaes, cujos aperfeiçoamentos occupavão mais particularmente os homens scientificos. Os carris-artefactos erão limitados a curtas distancias. Quando com tudo tornárão de novo a excitar a attenção publica, enumerárão-e todos os seus defeitos e inconvenientes.

A madeira, pela pouca força de sua contextura natural, e muito mais pela saturação d'humidade, offerecia consideravel resistencia ás rodas, as quaes enterrando-se nos carris formavão concavidades que difficultavão o movimento. Com tudo sempre um cavallo era sobre estes carris equivalente a 3 ou 4 nas estradas usuaes. Daqui lembrou a necessidade de uma substancia mais dura, e construirão-se

#### *Carris artefactos de ferro.*

1.º *Ferro fundido.* Pelos annos de 1738 houve quem se lembrasse de substituir barras de ferro fundido á madeira dos carris, mas como os carros que com estes novos inventos se usárão erão os mesmos que corrião sobre os carris de madeira, e erão summamente pesados, feita a experiencia assentou-se que o ferro fundido não tinha a conveniente força para estas construcções. Pôz-se de parte, por tanto, esta idéa, e foi sómente dahi a 30 annos, que se reflectiu (o que aliás era obvio, e admira como por tanto tempo escapasse á observação practica) que se os carris de ferro fundido não podião com um carro enorme, poderião com esse mesmo pezo distribuido em varios carros menores, os quaes poderião com tudo ser encadeados uns nos outros, e sujeitos a uma mesma força motôra.

Em todas estas épocas que temos assignado ha bastante confusão, e contradicção; mas é certo que em 1767 erão já usados carris de ferro fundido. Desde essa data começarão a vulgarisar-se, e passando por immensas modificações suggeridas pela ex-

perencia e pela sciencia, achão-se hoje no estado em que os vamos descrever.

2.º *Ferro forjado.* O ferro fundido é, como sabemos, mais apto a quebrar com subitas concussões do que o ferro forjado, e se por tanto se usar do 1.º é necessario que se dê ás barras do carril maior pezo de metal para obter maior segurança. Daqui nasceu a substituição do ferro de forja ao ferro de fundição, ainda que as primeiras experiencias, que se intentarão, tendião a provar que barras do 1.º sujeitas á pressão das rodas dos carros erão mais susceptíveis a esfolhar-se do que barras construidas de ferro fundido. As experiencias ultteriores tem demonstrado que o detrimento no ferro forjado usado em carris é muito menor do que o do ferro fundido. A despeza do ferro forjado é tambem menor do que aquella das construcções de ferro fundido. De maneira que a opinião scientifica e pratica é decididamente em favor dos carris de ferro de forja. Continua com tudo a usar-se em muitas partes o ferro fundido, segundo a exigencia de circumstancias locaes ou dos fins do carril; devendo notar-se, que sendo a tempera das rodas demasiadamente forte, e o pezo dos carros grande, sofrem consideravelmente os carris de ferro forjado. Tem isto dado causa a varios expedientes para fa-

zer o ferro forjado participar da dureza do ferro fundido, dos quaes o mais notavel é a fabrica de carris de ferro por via de cilindros, por entre os quaes se faz passar em feira barras de ferro forjado em braza que deste modo adquirem forma e tempera mui conveniente. Tem tambem havido carris construidos na sua parte inferior de ferro forjado, sobre a qual se fundia uma grossura sufficiente de ferro, e deste modo era o carril um composto dos dous com as vantagens d'ambos. Mas pas-sêmos á descripção geral dos carris-artefactos.

1. *Carris de rebordo.* (*Plate-rails* dos inglezes.) Ha duas especies mais notaveis de carris, que se distinguem pela largura superior de suas barras. Aos carris, cuja superficie superior é mui larga, e sobre os quaes os carros são sujeitos a mover-se pela moldura lateral em todo o comprimento do caminho que lhes offerece o carril, chamaremos *carris de rebordo*. Os carris a que nós chamaremos de *canto* são pelo contrario distinctes pela pouca largura superior de suas barras, e pela circumstancia de formar a moldura, que sujeita aos carros, parte das rodas e não do carril. (\*)

(\*) Esta feição forma a distincção mais clara entrê carris de rebordo, e carris de canto.

PLANOS E PERFIS DE CARRIS DE REBORDO.

Fig. 1.

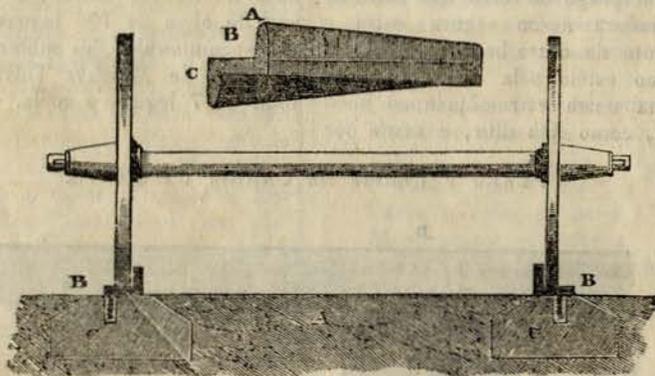


Fig. 2.

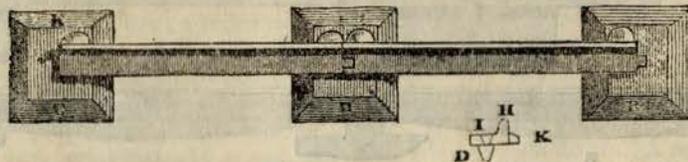


Fig. 3.

Fig. 4.



Fig. 5.

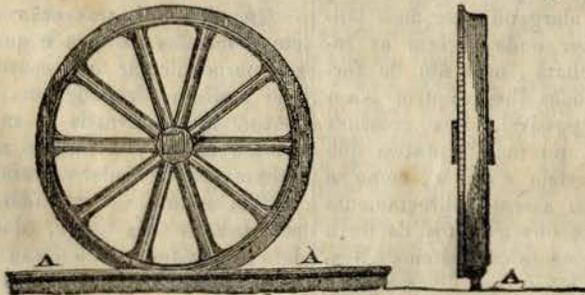


Fig. 6.

Roda de Carril de Rebordo.

Roda de Carril de Canto.

Os primeiros, que vamos descrever, podem-se vêr nas fig. 1, 2, 3, 4, e 5; os segundos nas figuras 6, 7, 8, 9, e 10. Nos *carris de rebordo* mais

usuaes as barras (\*) são do comprimento de 3

(\*) Estas dimensões varião muito.

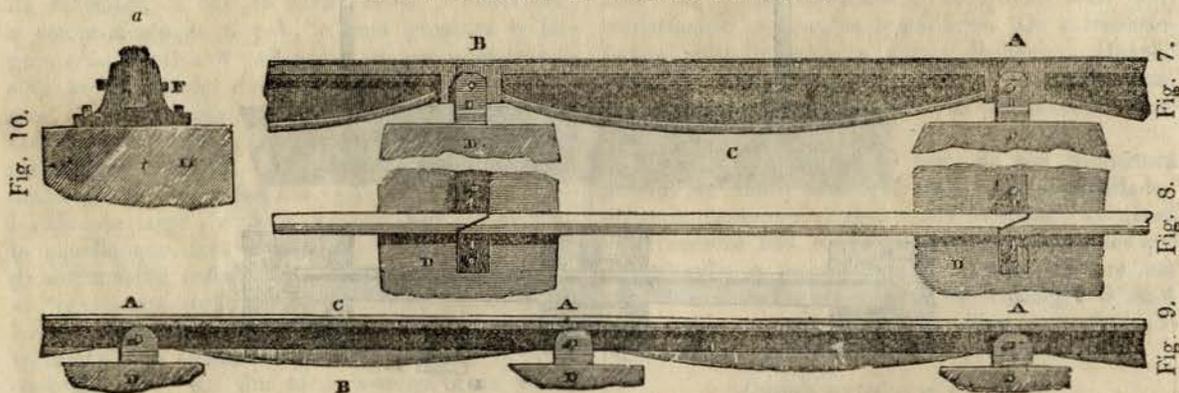
pés; e tem de largura na superfície onde assenta a roda 4 pollegadas, e de grossura uma pollegada; o rebordo tem de altura uma pollegada, e de grossura lateral meia pollegada. Cada barra peza 42 arrateis, e assenta cada uma de suas extremidades sobre um esteio de pedra que peza 5 arrobas.

A união das barras aos esteios pode effectuar-se ou por via de pregos, ou sem elles. Quando se empregão pregos é necessario que a barra tenha para a parte externa do redobro umas projecções, como se vê na fig. 2, que tem um ou mais furos para a passagem dos pregos. Formão-se nos esteios, nos pontos correspondentes, buracos um pouco maiores e mais compridos do que os pregos; nestes buracos introduzem-se a maço tarugos de madeira dura, atravez dos quaes entrando os pregos segurão a barra ao esteio. Esta idéa é já um melhoramento do primitivo uso que era furar as barras na mesma largura da superfície em que girava a roda; e por estes pontos introduzir os pregos, cujas cabeças por mais bem achatadas que fossem sempre augmentavão a fricção. A melhor idéa é a de evitar o uso de pregos, construindo as barras de modo que a extremidade d'uma sujeita por si a extremidade da outra; cada barra tendo n'uma extremidade um entalhe, na outra uma projecção correspondente. O entalhe é em meia cana pelo meio de sua grossura; e por sua parte inferior é esta barra sujeita ao esteio por um prego de ferro que entra no mesmo; nesta entalhadura assim segura entra a projecção correspondente de outra barra; a qual segura por este lado ao esteio pela entalhadura da outra, é fixa em sua outra extremidade ao mesmo por outro prego, como fica dito, e assim por

diante. O processo é pouco mais ou menos semelhante áquelle que entre nós se usa nos soalhos mais bem construidos, nos quaes não se vê prego. Esta idéa é indicada nas fig. 2 e 4. Mas offerece-se aqui o inconveniente de, precisando qualquer barra de reparo, não se poder sacar isoladamente fóra; isto evita-se segurando uma das barras, de trinta em trinta varas, pelos meios usuaes de cunhas perpendiculares entrantes na mesma face superior do carril; como se indica nas figuras 3 e 4. Na fig. 3 H é o rebordo do carril; I a superfície sobre a qual gira a roda; D a cunha perpendicular; K a projecção lateral que dá maior firmeza á barra em seu apoio sobre o esteio.

Estes carris de rebordo, inferiores em firmeza e construcção aos de canto, que logo descreveremos, tem com tudo servido mui utilmente para pequenas distancias; e neste fim se achão construidos com maior ou menor perfeição. As rodas que nelles se usão são baixas, o que diminue consideravelmente a força do animal que sobre ellas se exerce, assim como sua larga superfície na correspondente do carril augmenta consideravelmente a fricção. São sujeitos a encher-se de cascalho e arêa, e seião os esteios de madeira ou de pedra, nunca o methodo de segurar as barras a elles com pregos pôde prevenir a falta de firmeza. Não obstante estes inconvenientes são mui usados no Paiz de Galles em suas numerosas minas, e formão uma total extensão de alem de 100 leguas, sem incluir nesta conta as communicações subterraneas, das quaes uma, na Mina de Merthyr Tidvil, forma uma extensão total de 7 leguas e meia.

PLANO E PERFIS DE CARRIS DE CANTO.



**2.º Carris de canto.** Nestes carris as barras são usualmente do comprimento d'uma vara; na sua parte inferior são da largura de meia ou  $\frac{3}{4}$  de pollegada, que se vai alargando até duas pollegadas na superfície superior onde correm as rodas, que de mais não é chata, mas sim de forma circular, para que as rodas lhes toquem em o menor numero de pontos possível. Sua grossura perpendicular era reforçada no meio (pratica que começa a evitar-se) entre esteio e esteio, como se vê na fig. 7. As barras não assentão directamente sobre os esteios, mas sobre uns assentos de ferro fundido, que são fixos firmemente aos esteios. Nesta construcção evitão-se os effeitos da diversa temperatura entre a barra (muitas vezes aquecida pelo transito das rodas) e consegue-se maior firmeza e menos desarranjo no carril. A fig. 10 é a secção vertical d'um destes assentos em que D é o esteio, a a barra do carril, e F o prego horizontal que segura a barra ao assento. A fig. 8 mos-

tra uma planta baixa do carril, indicando a união de barra com barra; e as fig. 7 e 9 uma secção longitudinal.

Quando as barras erão sustentadas por assentos em distancias de vara e quarta, exigião maior força perpendicular no centro entre os apoios para que podessem resistir com igualdade á pressão superior. Erão de mais de maior grossura lateral no mesmo centro, a fim de resistir mais efficaçmente á casual e irregular pressão sobre os lados. Neste sentido assim se construião as barras augmentando seu pezo e sua força, dos apoios para o centro. Isto, com tudo, não é tão necessario nos carris de canto como nos de rebordo, construindo-se hoje as barras dos primeiros de iguaes dimensões de ponta a ponta.

Como toda a união de barra com barra era defeituosa, tratou-se de diminuir o numero de junções, fazendo cada barra de 5 varas de comprido e do pezo de 6 arrobas. Ao depois abandonou-se o uso

dos pregos nestas juntas, porque erão estes sempre sujeitos a vergar ou jogar, com a força de 40 a 50 toneladas de pezo, em transitio sobre o carril. Alterou se em consequencia a fôrma do assento, e ainda que de varios modos, com tudo, o principio geral de todas essas modificações que se dirigem a impedir o jogo das barras do carril, é um unico, a saber que ás fôrmas lateraes do carril que offerecem convexidades devem corresponder concavidades nas do assento.

A figura 11 representa a fôrma do assento adop-

PERFIS DOS ASSENTOS DOS CARRIS DE CANTO.

Fig. 11.

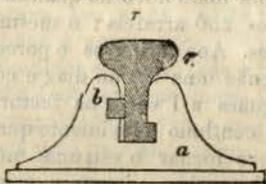
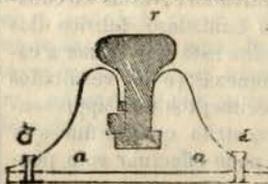


Fig. 12.



tado no celebre carril de ferro de Manchester a Liverpool;  $r$  é uma secção da barra do carril;  $b$  e  $a$  são cavidades no assento: a chave de ferro  $b$  força o outro lado do assento a entrar na cavidade  $a$ , e deste modo fica a barra segura no assento. Deste invento ha varias modificações; a fig. 12.<sup>a</sup> que escusa explicação, é uma. Notaremos que n'uma e n'outra vê-se, na sua parte inferior, a secção d'um pedaço de feltro alcatroado da grossura de  $\frac{1}{2}$  pollegada que se colloca entre o assento e o esteio.

(Terminar-se-ha no numero seguinte.)

COLONISAÇÃO DE POBRES EM HOLLANDA.— ADUBOS AGRICULTURAES.

HA associações na Hollanda, cujos fins são a remoção d'aquellas pessoas, que por sua pobreza são de pezo á sociedade, a terrenos fracos e incultos, onde se estabelecem em colonias, e debaixo de judiciosos regulamentos alcanção uma commoda subsistencia. O instituidor deste systema foi o General *Van-den-Bosch*, que nisto aproveitou as relações d'amizade por elle travadas na ilha de Java com um Mandarim Chinêz, superintendente d'uma colonia rural de Chins, e homem de muitos conhecimentos em agricultura; e quando o General voltou á Europa appresentou ao rei dos Paizes-baixos um plano para o estabelecimento d'uma colonia de pobres, que foi immediatamente sancionado.

A administração deste estabelecimento é effectuada por meio de duas Commissões. A primeira, ou Comissão de Beneficencia, é composta de 12 pessoas; a saber: um Presidente, dous Vice-Presidentes, e nove membros, um dos quaes ultimos serve de Secretario. O Presidente é vitalicio; o primeiro nomeado foi o filho segundo do Rei: os Vice-Presidentes são de eleição annual. Estes membros formão 4 Repartições, dedicadas á fazenda, instrucção, correspondencia, e objectos geraes, do estabelecimento. Destas repartições as duas primeiras são presididas pelos dous Vice-Presidentes; as outras duas escolhem quem lhes presida.

A segunda Commissão, denominada de Superintendencia, compoem-se de 24 membros, que elegem seu Presidente e secretario. A esta Commissão compete examinar as contas, fiscalizar a despeza, e dirigir as operações da Associação.

Logo no seu começo, depois de ter sido (em consequencia da sancção real) recommendada a todas as authorities locais, a associação se achou possuidora de 54,000 cruzados provenientes das subscrições de mais de 20,000 socios. Com este capital se comprou a fazenda rural de *Westerbech* — *Sloot*, na margem esquerda do *Zuy-der-Zee*, e em pouca distancia da villa de *Steenwyk*. Esta propriedade custou 46,000 cruzados, e continha 1200 a 1300 geiras (\*) de terra, das quaes 200 ou erão mata ou mal cultivadas, e o resto mata. Deste terreno deu a associação a arrendamento a porção cultivada, que se-

ria um decimo da total extensão da propriedade, aprofundou o *Aa* que corre pelo meio della, e edificou armazens, uma escola, e habitações para 52 familias de 6 a 8 pessoas cada uma. Estes trabalhos começaram em Setembro de 1818; e em 10 de Novembro do mesmo anno o estabelecimento estava pronto e recebeu dos concelhos visinhos alguma gente pobre. A despeza total assim emprehendida á conta de cada familia pôde marcar-se em dinheiro portuguez do modo seguinte:

Construcção de cada morada .....	164,000
Mobilia e utensilios .....	33,000
Fato .....	50,000
2 Vacca, ou 1 vacca e 10 carneiros.	50,000
Lavra e semente ( neste 1.º anno ) ..	132,000
Mantimentos adiantados .....	16,000
Outros varios adiantamentos.....	16,000
Linho e lã para fiação .....	66,000
7 geiras de terra inculca .....	33,000
<b>Total .....</b>	<b>560,000</b>

Fica em encargo ás familias o resarcir a Associação desta despeza no espaço de 16 annos; e tem alem disso obrigação de se manterem a si mesmas.

Cada lote de 7 geiras é da forma d'um rectangulo: o casal dá sobre a estrada, e seu fundo se estende 50 pés pelo lote dentro. A morada da familia occupa a frente; segue-se a caza da eira; logo depois as côrtes para o gado; no fim de tudo a estremeira, onde se lanção todos os despejos de materia vegetal e animal, e cuja preparação com mato forma a parte mais essencial do trabalho dos colonos. São estes sujeitos a uma especie de disciplina militar, e todo seu trabalho lhes é marcado por tarefa. Reunem-se ás 6 horas da manhã, assim no verão como no inverno; e aquelles que não comparecem a esta chamada não recebem jornal naquella dia. Terminado o trabalho diario, é a cada um entregue um *valle* que especifica o valor do jornal, e com este valle podem os colonos comprar mantimentos nos armazens por preços fixos. A'quelles que no começo não podem manter-se, vende-se a credito por algum tempo. As mulheres fião, tecem, e trabalham d'agulha; e nisto empregão linho e lã, que ao principio comprão, mas que lhes é ao depois fornecido pelo producto de suas terras e gado. Jornal e meio em cada semana são appropriados ao sustento dos doentes, invalidos, e incapazes de trabalhar; e em recompensa recebem por dia os trabalhadores 140 reis

(\*) Entendemos aqui por geira o espaço do terreno que um arado pode revolver durante um dia de media duração.

no verão, e 90 reis no inverno. Fazem-se-lhe revistas, com uma minuciosidade militar, a todos os artigos e utensilios que devem ter, e aquelles que se achão em falta são obrigados a suppri-la.

Já dissemos que todo o capital destinado a fornecer o sustento a cada familia de 7 a 8 pessoas, a offerecer-lhes recursos para pagar sua pequena renda annual, e de mais proporcionar-lhes meios para que do producto de seus trabalhos elles possam economisar para o deposito d'amortisação de sua divida — são os mencionados 560,000 reis já empregados, e os fructos de 7 ou 8 geiras de terra n'um terreno até ahi ingrato ao cultivador. Nestas circumstancias o grande recurso é o cuidadoso fabrico dos estrumes para a terra — trabalho este que forma a característica da agricultura Chinezã: e os resultados que a pratica destes estabelecimentos tem appresentado são mui proficuos, e mostrão quanto um systema regular e perseverante pode effectuar com poucos meios.

Como a preparação do estrume é uma mui importante operação em agricultura, que em muitas partes é desprezada, e em outras mui mal praticada, e como os methodos aperfeiçoados que se usão nas colonias hollandezas são muito applicaveis ao nosso paiz, onde processos analogos, mas mais imperfeitos, se encontrão, — entraremos em alguns pormenores a este respeito, offerecendo em desculpa do nojo do assumpto sua relevante utilidade.

Os directores exigem de cada familia o estrume sufficiente para o adubo de todas suas terras, e estipulão como quantia necessaria para este fim 150 toneladas; o que vem a ser na razão de mais de 20 toneladas por geira. Para obter uma tão avultada massa, são necessarios grandes depositos, e a colheita dos materiaes para este fim é o mais importante emprego dos colonos.

Para isto recorrem ao mato de suas terras, o qual cortão com tal cuidado, que ao tempo que com elle trazem uma delgada porção de torrão, não prejudicão as raizes mais profundas a ponto de as impedirem de germinar de novo; e demais não rossão toda a superficie do terreno que está a mato, mas fazem-o em tiras compridas, ou em pequenos espaços circulares; de modo que o terreno appresenta, ou o aspecto d'uma fazenda riscada, ou o d'uma chita pintada. Este ultimo artificio tem por fim a sementeira natural da semente resultante das plantas das partes não rossadas, sobre a superficie do terreno rossado. Desta forma se obtem uma alternada e vigorosa vegetação de mato.

A rossa do mato é uma operação combinada que todo o estabelecimento emprehende em ordem militar, sendo o trabalho executado em fileiras. A associação paga a cada um seu jornal; e terminado o trabalho, faz-se o calculo do custo total do mato que, pelo preço que daqui resulta, se rateia aos colonos, e é cada porção conduzida aos competentes cazaes em carrinhos puxados a um cavallo, que a associação tem para este e outros simillhantes fins, em que o trabalho manual não pôde ser tão efficiente. A porção entregue a cada cazal é depois de secca reunida em uma média, á qual se recorre para as camas do gado.

Como o mato não seria sufficiente para formar a avultada quantia de estrume que se exige, é necessario a appropriação d'outros materiaes. Alem de toda a palha disponivel, depois de sua distribuição para colmo, sustento do gado &c., rossão-se os terrenos dedicados a lameiros depois da colheita do feno, trebo &c. do 2.º anno; e os torrões assim obtidos, como contem grande quantidade de raizes de plantas e muita terra vegetal, são de mui effizaz socorro ao

deposito de mato. Evita-se porem com cuidado toda a mixtura de materiaes que possam concorrer para a diminuição da fermentação, objecto essencial de todo este processo.

As camas do gado arranjão-se de novo todas as manhãs e tardes; mas ficão os materiaes dellas 7 dias e 7 noutes debaixo dos pés dos animaes, e terminado este periodo é que são conduzidas á estrumeira. Pelas manhãs remove-se aquella parte da cama, que ficava debaixo dos pés do gado, para o lado da cabeça; e aquella que ficava debaixo das mãos para o lado dos pés; e demais accrescenta-se a cama com mato novo na quantidade de pouco mais ou menos 250 arrateis: o mesmo se pratica todas as tardes. Aos carneiros e porcos não se fazem as camas senão uma vez no dia; e contão-se 10 carneiros como iguaes a 1 vacca na factura d'estrumes. E' obvio que o continuo movimento que assim se dá aos materiaes deve tornar o estrume mui igualmente composto das substancias animaes e vegetaes que nelle se achão misturadas; e a trituração uniforme que soffre aos pés do gado e que quebra o mato em fracções mui pequenas, deve necessariamente augmentar a fermentação putrida.

Cada semana são as córtes limpas, e é o estrume conduzido a seu competente local. E' este de forma circular, tendo 3 a 4 pés de profundidade, e 10 a 14 de diametro; e deve ter capacidade sufficiente para conter todo o estrume fornecido pelo gado em 4 semanas. O fundo e os lados devem ser forrados de barro ou lages, e devem ser impenetraveis á agua. Nesta estrumeira devem lançar-se, não sómente os materiaes elaborados pelo gado, mas tambem todos os despejos convenientes, como as varredouras do cazal, as cinzas &c. &c. Junto a esta estrumeira ha um deposito para liquidos, onde vem encaçados todos os escóos das córtes do gado, e onde se devem lançar todos os despejos liquidos, mesmo as agnas de sabão, que para isto são mui uteis. Este deposito deve ser da capacidade de 2 pipas, e quando não está sufficientemente cheio, pelas faltas ou dos liquidos appropriados, ou da agua da chuva, deve preencher-se de 2 em 2 dias com agua commun. O liquido assim composto é de dous em dous dias lançado ás pás sobre a estrumeira; e pode imaginar-se quanto esta aspensão concorre para a força fermentativa do composto.

No fim da 4.ª semana é a estrumeira despejada, e por esta operação as partes mais putridas que se achavão no seu fundo vem a ocupar a parte superior do monte em que agora se forma o producto deste periodo; e o todo, elevado até á altura de 5 a 8 palmos, é cuidadosamente cuberto de torrão. Desta forma se nelle mantem o calor fermentativo, e impede-se a entrada da chuva que o poderia destruir. Neste estado se deixa ficar pelo espaço de 1, 2, ou 3 mezes, até que necessitando-se para uso, é levado aos campos em que deve servir. A capa de torrão, que o cubrira, é depositada no fundo da estrumeira, onde se reune ao contingente das seguintes 4 semanas.

O resultado deste systema tem sido muito fructifero. Os adubos são para a agricultura, o que a agua, o vento, e o vapor, são para a mechanica.

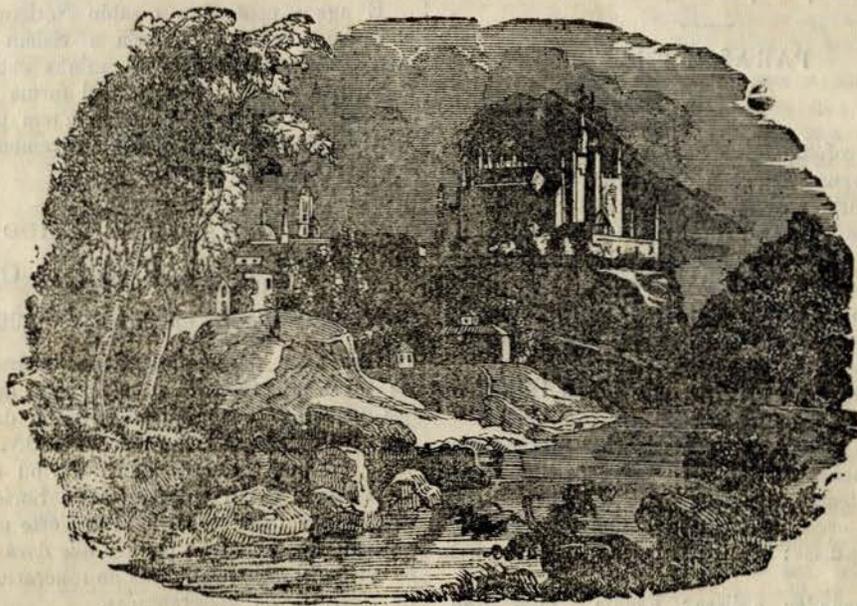
Quanto ao bom comportamento dos individuos que formão a colonia, tem-se achado que o desejo do lucro, e a approvação dos superintendentes, são sufficientes incentivos; e quando estes deixão de produzir effeito, recorre-se á suspensão de favores, ás prizões, e ao trabalho forçado. Pelo outro lado ha distincções honorificas — medalhas de cobre, prata, e ouro. Os condecorados com a medalha de cobre po-

dem ausentar-se da colonia aos domingos sem pedir licença; a medalha de prata é conferida áquelles que tem arranjado *solras* pelo seu trabalho, e estes podem ausentar-se da colonia durante os intervallos de trabalho nos dias de semana; a d'ouro, é a distincção daquelles que tendo provado que forrão 80,000 réis annuaes, são declarados colonos livres e isentos de todas as restricções da colonia. Estes ultimos privilegios são sujeitos á suspensão, por causa de offensas commettidas.

A somma da população reunida nestas colonias é mui grande; talvez 20.000 pessoas. A de Frederick-Oord, que assim se denomina aquella a que alludimos no começo deste artigo, contava, em 1828, 6778 pessoas, inclusivè 2174 orphãos e engeitados.

O avultado numero de mendigos que em toda a parte de Portugal se encontrão é objecto que merecia séria attenção. Geme a humanidade ao ver a esliquidez e a penuria estender a mão pelo seu susten-

to; mas pelo outro lado o homem, que deseja bem empregar sua esmola, é obrigado a hesitar na duvida se o ente miseravel que se lhe appresenta é digno de sua compaixão. Numerosas são na verdade as victimas da infelicidade; mas, sentimos dizê-lo, não menos consideravel é a multidão dos mendigos cuja necessidade não procede senão de seu ocio. Ha aldeas inteiras a bordo de nossas estradas cujas mães crião seus filhos desde o berço a pedir, e que recusão entrega-los a officios por julgarem que a mendicidade lhes é mais rendosa. Extremar o verdadeiro necessitado do mendigo por officio, deveria ser o cuidado das autoridades locaes. Um e outro são de pezo á sociedade; com a differença que ao primeiro deve-se estender a mão do socorro e caridade; e o segundo sómente por uma nova, e ás vezes mui severa, educação é que se pode remir do caminho do ocio e do vicio.



### VISTA DO ALCAÇAR DE SEGOVIA.

SEGOVIA, é a capital da provincia do seu mesmo nome, n'aquella parte da Hespanha conhecida com o nome de Castella-a-Velha, antiga cidade episcopal celtibera, adornada por Trajano, e pelos reis mouros. Os seus pannos em 1612 erão os melhores da Europa: trabalhavão-se n'esta cidade 25,000 peças annualmente, occupando-se na sua fabricação, 34,200 operarios, e consumião-se 4,500,000 arrateis de lã. Townsened assegura que em 1788 não se extraião das fabricas de Segovia mais de 400 peças de panno muito imperfeito. A real fabrica, chamada commummente a Casa grande, que chegou a empregar 2,000 operarios, por meio do mecanismo corre hoje a cargo de 80 pessoas. A sua população actual ascende a 13,000 habitantes. A duas leguas de Segovia está o real sitio de Santo Ildefonso, conhecido tambem com o nome de *La Granja*; o palacio é famoso pelas suas fontes e jardins, construído por Philippe V, empregando para isso sommas enormes de dinheiro.

Os tres famosos monumentos de architectura da cidade de Segovia são: a *catedral*, vasto edificio, cuja torre tem 330 pés de elevação.

O *Aqueducto romano*, que tem servido para immortalizar o nome de Segovia. Desde o primeiro arco que tem de cinco a seis varas de altura, continúa para o meio dia sobre 75 arcos até o convento de S. Francisco, aonde a altura chega a 39 pés. Aqui toma a direcção de oriente a ponte sobre duas ordens de arcos, e é então, quando atravessa o valle á altura de 102 pés até o numero 159 arcos. Assim a agua é conduzida até chegar ao Alcaçar por um conducto cuberto, do qual saem no caminho os repartimentos para as casas, conventos e fontes publicas. "Tal foi a obra pia d'um imperador romano produzindo a toda uma povoação um beneficio continuado por perto de 18 seculos, e que provavelmente ainda ha de continuar muitos mais. Que differença entre Trajano e Filipe segundo! Ambos elles Hespanhoes; o primeiro ausente de Hespanha, e no throno de Roma, dedica uma parte das suas rendas para fazer um beneficio eterno aos seus compatricios: o segundo emprega os thesouros do seu reino em edificar o Escorial, inutil á nação, e que ainda que agora se deseje vender não ha de haver compradores: porem Trajano

foi a honra do genero humano, e o seu imperio a gloria do imperio romano." (\*)

A estampa, que forma o objecto d'este artigo, representa o terceiro monumento, o *Alcaçar* de Segovia, edificio antiquissimo, que mostra ter sido construcção de diferentes idades. O pátio principal e a escadaria fazem ver o bom gosto do architecto hespanhol Herrera. Todas as fachadas exteriores tem a maior antiguidade. Os salões d'este antigo palacio são magnificos e espaçosos; entre elles ha um adornado com as estatuas dos reis de Oviedo, Leão e Castella, até a rainha D.<sup>a</sup> Joanna, mãe de Carlos V. &c. N'este edificio esteve prisioneiro o rei de França Francisco I.

O Alcaçar, antiga residencia dos reis mouros, está hoje destinado para a instrucção do exercito hespanhol com o titulo de COLLEGIO GERAL MILITAR para a Infanteria, Artilheria, Cavalleria e Engenheiros.

As aguas que banhão a parte baixa da povoação, segundo se vê na estampa, são as do rio Eresma, que passa pela parte septentrional do valle.

## PARABOLA II.

### NATHAN.

NATHAN, profeta e sabio doutor em Salem, assentou-se entre seus dísipulos e as palavras de instrucção e sabedoria manavão como mel dos seus labios.

Então disse Gamaliel seu discipulo: Mestre, em que consiste que nós gostamos ouvir teus conselhos e escutar as palavras da tua boca?

O modesto instructor sorriu e disse: Não significa o meu nome *dar* (\*)? Os homens gostão receber, o caso está em saber como dar.

Como é pois que tu das? perguntou Hillel, outro dos que estavam assentados aos pés d'elle.

E Nathan respondeu: Eu vos dou maçãs douradas em conchas de prata. Vós *recebeis* as conchas; porem *encontrais* a maçã.

Em outra occasião perguntou Gamaliel ao sabio Nathan, e lhe disse: Mestre, por que nos ensinas em parábolas?

Nathan respondeu e disse: Escuta, meu filho, quando cheguei a ser homem, ouvi a voz do Senhor no meu coração que me ordenava fosse instruir o povo, e desse testemunho da verdade: o Espirito de Deos veio a mim. Então deixei crescer a barba, vesti-me de saial grosseiro, e deixei-me ver das gentes, e com palavras severas reprehendi vehementemente a todos. Porem os homens fugião de mim, e não fizeram caso das minhas palavras, ou as applicavão a outros.

Então irritei-me sobre-maneira, e de noute me dirigi ao monte Hermon, e disse no meu coração: Se elles desprezão a luz, caminhem na noute e pereção nas trevas! Assim exclamei eu, e cheio de ira marchei na escuridão da noute.

E eis aqui que apparece o dia, e a aurora com a sua côr de rosa deixou-se ver no ceo, e o orvalho da manhã desceu sobre o monte Hermon. Então dissipou-se a noute, e tenues vapores se levantãrão da montanha. Porque o brilho da aurora era bello e gracioso, e as neblinas estavam suspensas sobre os cimos das montanhas, e orvalhavão a terra. Os homens caminhavão alegremente, e levantavão os olhos para ver o resplendor do dia. E o

sol sahiu radiante, e tocou as plantas orvalhadas.

E eu estava em pé e admirava, e o meu coração estava extranhamente commovido. A briza da manhã agitou-se, e por entre o seu susurro ouvi a voz do Senhor, que me fallou, e disse: Observa, Nathan, como envia o ceo aos filhos da terra seu mais rico presente, a doce luz do dia.

Quando depois desci da montanha, continuou o profeta, o Espirito do Senhor me conduziu a uma romaneira. A árvore era magestosa e dava muita sombra, e ao mesmo tempo levava vistosas flores e fruta saborosa.

E eu estive á sua sombra e observei a sua flor, e disse: Que vermelho tão formoso e delicado, semelhante ao suave carmesim da innocencia nas rosadas faces das filhas de Israel!

E quando me approximei mais á árvore, achei o delicioso fruto occulto entre as folhas.

Então a palavra do Senhor veio a mim desde a romaneira, e disse: Observa, Nathan, como a Natureza na simples flor promette rico fruto, e o dispensa occultando ao mesmo tempo sua mão na sombra das folhas.

E agora continuou o sabio Nathan: Voltei com o coração cheio de alegria a Salem; despi-me do meu panno grosseiro; ungi a minha cabeça, e ensinei a verdade debaixo da agradável forma de parábolas.

Porque a Verdade é grave, e tem poucos amigos. Por isso gosta de ser simples e alegremente trajada para adquirir amigos e discipulos.

## PREMIO OFERECIDO

POR S. A. R. O DUQUE DE ORLEANS.

*Medalha d'ouro do valor de 2,000 francos.*

S. A. R. o duque de Orleans offerece um premio de *dous mil francos* ao navegante ou viajante cujos trabalhos geographicos tiverem dado por resultado, no decurso do anno de 1838, a descuberta mais util á agricultura, industria, ou á humanidade.

Havendo S. A. encarregado á Sociedade de geographia de Paris a distribuição d'este premio, a Sociedade faz saber ao publico que dará a preferencia ás viagens acompanhadas de itinerarios exactos, ou de observações geographicas.

## ANÉCDOTAS.

*Economia de Tempo.* — O Chanceller D' Agues-sau observou que sua mulher o fazia esperar um quarto de hora depois que tocavão a campainha para irem jantar, e não querendo perder este tempo resolveu employa-lo diariamente em escrever uma obra de Jurisprudencia. Poz o seu projecto em execução, e no fim d'algum tempo já tinha pronta a sua obra composta de quatro volumes em quarto.

*Effeitos da Imaginação.* — Um homem foi mordido por um cão, e persuadindo-se que o animal estava damnado, começou a sentir tal horror á vista dos liquidos, que entrava em convulsões todas as vezes que intentava beber alguma cousa. Observando o medico que o mal não cedia aos remedios, resolveu por ultimo que trouxessem ao quarto do doente o mesmo cão que lhe mordera, para que se convencesse de que estava em perfeita saude. A vista do cão deu ao doente a tranquillidade de que carecia; já não entrava em convulsões quando via a agua, e em poucos dias conseguiu restabelecer-se. Se não tivesse visto o cão com tão boa saude, provavelmente teria morrido, por effeito da imaginação.

(\*) O Instructor, periodico hespanhol publicado por Ackermann em Londres.

(\*) isto é o que significa a palavra *Nathan*.

**TE LHO E CLARA.**

De honroso novo brazão  
O forte escudo cuberto  
Guia o brioso alazão  
De noute e por um deserto  
Veloz um nobre infanção.

TELHO é seu nome ; Granada  
Após Fernando o tem visto  
Esgimir a tersa espada ,  
Até a deixar conquistada  
Para Hespanha , e para Christo.

Dous annos leva de ausencia ,  
Mas volta a vêr á que amou  
Desde que na adolescencia  
A poderosa influencia  
De amor e gloria provou.

Esta ás lides o levára  
Para voltar mais amante  
A vêr sua linda CLARA ,  
Que tres lustros não contára  
Quando se ausentou constante.

Fiel a Floresta atravessa  
De impaciencia aguilhoado ;  
Elle vê passar ápressa  
Sobre o seu morrião pezado  
O choupo e o olmo copado.

Mas o cavallo anhelante  
De improviso se detem  
Onde a lympha murmurante  
Mirto e flores entretém ,  
Para o cansado viajante.

Um tronco de arvore annosa ,  
De fresco musgo bordado ,  
Sustenta o toscó traslado  
D'aquella Mãi piedosa  
Consolo do desditado.

A lua n'aquelle instante  
Despêde um grande clarão ,  
E ao reflexo vacillante  
TELHO o joven infanção  
Conhece o sitio importante.

O bosque que vezes tantas  
Sua paixão advertiu . . .  
Aquellas silvestres plantas . . .  
Aquelle abrigo que ouviu  
As suas promessas santas ;

Promessas mil que no altar  
Repetiu com voz sonora  
Sua CLARA encantadora ,  
Quando elle hia montar  
Contra a mourisma traidora.

Ainda lhe tinem no ouvido  
As palavras que ouviu alli  
Em terno pranto sumido  
Quando seu amor querido  
Gemendo lhe disse assi :

' Caro TELHO ; se estando tu ausente  
A Parca acabasse meu longo penar ,  
Vindo a meia noute para ti luzente  
Tu na cabeceira me has de ouvir chorar .

Tu na cabeceira  
Me has de vêr n'essa noute derradeira . "

E o cavalleiro lembrado  
Está mui bem da resposta  
Que déra ao objecto adorado  
Sobre o aço temperado  
Sua mão valente posta.

" Bella CLARA ; se o Mouro inimigo  
Com a sua lança me faz perecer ,  
Pela meia noute virá teu amigo ,  
E junto ao teu leito sem susto o has de vêr .  
E junto ao teu leito  
O derradeiro ay ! dará seu peito . "

De amor e melancolia  
As imagens encontradas  
Entre aquellas enramadas  
Turbão sua fantasia.

De ave nocturna o gemido ,  
Da lua o reflexo frio ,  
E ao longe o Bernesga rio  
Que sóa com grave ruido ,

Tudo a TELHO alli suspende ,  
E o sugeita como atado :  
Do cavallo tem-se apeado ,  
E na relva alfim se estende.

Logo o somno a sua pena  
Treguas enganosas dá ;  
Sonhando com CLARA está :  
Vê della a face serena ;

As suas lindas feições ,  
Seu encantador sorriso ,  
E ao abraza-la submisso  
Escuta taes razões.

" Aqui tens , TELHO amado , tua esposa  
Fiel á palavra que ella a ti te déra .  
Oh quam eterna dita nos espera !  
Vem commigo e repousa . "

Com a mais terna emoção  
Ao correspondê-la amante  
Resoa o echo distante  
A' meia noute em Leão . . . .

E n'aquelle instante vê  
Uma mulher ao seu lado  
Todo seu corpo velado  
Desde o cabelo até o pé.

" Es tu meu doce bem ? " — Clara está muda .

" Vem receber nos braços carinhosos  
Meu fiel amor , meus louros victoriosos . "

— O espectro não se move : TELHO suda .

" Que a tua branca mão concede ao menos  
A do teu fiel esposo grata opprima .  
Gelo é a mão ao fogo que a anima ;  
E essa fronte , esses olhos tão serenos

Em que a alma se extasia  
Porque importuno véo

Os occulta aos meus olhos á porfia ? "

Diz e logo puxa inquieto  
Pelo véo : verdadeira  
Vê uma pálida caveira ,  
E um descarnado esqueleto .

Dos relampagos á luz  
A esqualida sombra cresce ,  
E que foge lhe parece  
Envolta em negro capuz .

Segue-a o cavalleiro leal  
O bosque correndo exausto . . . .  
Ai ! desde esse dia infausto  
Ninguém soube o seu final .

J. de U.

## RECEITAS.

*Verniz para folha de Flandres.*

TOMEM-SE 8 onças de ambre, 2 onças de gomma laca, derretão-se em vasilhas separadas, e misturem-se depois muito bem: accrescente-se meio arratel de oleo secante de linhaça. N'uma redoma de vidro de quartilho, ponha-se meio quartilho de espirito de termentina, e misture-se um pouco de açafraão; quando a côr tenha sido extrahida, cõe-se o licor, e accrescente-se gomma tragacantho, e urucú (especie de tinta encarnada) finamente pulverizada, em pequenas porções cada vez, até lhe poder dar a côr que se pertende: finalmente misture-se esta materia colorante com a primeira composição, e remexa-se tudo bem até observar uma perfeita união de todos os ingredientes. Cubrindo com este verniz uma folha de prata ou de flandres, será difficiloso poderlo distinguir com a simples vista do ouro. Com um verniz semelhante é que o couro, o papel, ou a madeira cubertos com uma folha de prata tomão a apparencia de dourados. O verniz é applicavel a objectos de folha de flandres, porem os pequenos objectos de bronze finamente polido são os que se costumão cobrir com uma composição mais delgada.

*Modo de conservar as pelles livres de putrefacção.* — Para isso é necessario esfrega-las com acido pyroligneoso, e até se podem recobrar depois de terem sido atacadas de putrefacção sem que nada perção das suas uteis qualidades.

*Arsenico* — E' um facto singular, que o arsenico que é um dos destructores mais poderosos da vida, possui ao mesmo tempo a propriedade de conservar os corpos das pessoas envenenadas com elle por grande espaço de tempo. O estomago e os intestinos dos individuos mortos com o arsenico tem sido achados firmes e inteiros depois da morte. Esta circumstancia a devem ter presente os juizes, e os jurados.

*Grude de Castanhas bravias.* As castanhas bravias, que muita gente despreza, julgando que para nada prestão, podem ser de muita utilidade para os encadernadores çapateiros, e outros officios que fazem muito uso do grude. Para este fim devem ser descascadas, e seccas a fogo lento, e pisadas até serem reduzidas a pó muito fino. Este pó ou farinha misturada com uma terça parte de farinha triga, faz excellente grude pelo methodo ordinario.

*Para fazer cola de Batatas.*

Uma das muitas cousas uteis que as batatas produzem, e geralmente não conhecida, é a gomma d'ellas, que quando está fresca, e lavada sómente uma vez, se pode converter em colla, a qual misturada com cal e diluida n'uma pouca de agua, forma um branco delicado para cair os tectos das salas. Esta colla não tem cheiro como a colla animal que logo apodrece e exhala um cheiro desagradavel. A das batatas como não está sujeita a putrefacção, é, como a experiencia o tem demonstrado, mais firme, e a sua brancura mais exquisita.

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

SUBSCREVE-SE para este Perindico no Porto, na *Typographia Commercial Portuense*, e nas lojas dos *Livreiros Gonçalves Guimarães, Queiroz, e Pereira nos Caldeireiros; Moré, rua de S. Antonio, e Garcia, no passeio da Cordoaria.* — Em Lisboa, na loja da viuva de *João Henriques; Coimbra, na de Antonio Lourenço Coelho.*

Nas seguintes terras são os correspondentes do MUSEU PORTUENSE por favor especial

## OS SENHORES.

<i>José Correa d'Oliveira Mendes,</i>	em Guimarães.
<i>Antonio de Souza de Paradelinha,</i>	Villa-Real.
<i>Francisco Bernardino Pereira</i>	
<i>Guimarães</i>	„ Lamego.
<i>Francisco Antonio de Aranjo</i>	
<i>Carvalho Reis,</i>	„ Regoa.
<i>Manoel José Alves Vicente,</i>	„ Braga.
<i>Antonio José Alves Franca,</i>	„ Vianna.
<i>Manoel Boaventura de Brito,</i>	„ Valença.
<i>José Manoel Gomes,</i>	„ Barcellos.
<i>P. José Francisco de Carvalho,</i>	„ Faro.
<i>P. Vicente Manoel Rodrigues de</i>	
<i>Souza Pimentel,</i>	„ Bornes.
<i>D. João Hortega, Consul Geral</i>	
<i>de Portugal,</i>	„ Vigo.
<i>D. José Nuñez Castanho,</i>	„ Santiago.
<i>SS. Achermann, &amp; C.<sup>a</sup> em Londres,</i>	96 Strand.

Pede-se aos Srs. Assignantes da cidade queirão avisar o Administrador da *Typographia Commercial Portuense*, e aos que residem fora, aos Agentes e Correspondentes acima nomeados, de qualquer irregularidade que haja na entrega do Jornal; e remetter tambem o importe da assignatura pelos primeiros 6 mezes ao *Escritorio da mesma Typographia*, aonde se passarão recibos impressos; ou entregar o dinheiro aos Agentes e Correspondentes já nomeados.

Toda a Correspondencia deve vir franca de porte, que sem este requisito não será attendida.

## PREÇOS DO JORNAL

Assignatura por 6 mez. ou 12 Num.....	600 rs.
Avulso .....	60 „

Para remover qualquer inconveniente na entrega do Jornal, os Srs. Assignantes em Villa Nova são convidados a mandar procurar os seus exemplares ao local onde são distribuidos os demais periodicos — Botequim na rua direita.

Na pag. 16 — lin. 6 — onde se lê preticar, lê-se pretear.

PORTO: — TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE: LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12. 1838.